

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE ARTES - CAMPUS SÃO PAULO

YASMIN GOMES DE ALENCAR

A CONFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE ATORES E
ATRIZES NORDESTINOS PELA AFIRMAÇÃO DE SEUS
SOTAQUES

São Paulo

2022

YASMIN GOMES DE ALENCAR

**A CONFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE ATORES E
ATRIZES NORDESTINOS PELA AFIRMAÇÃO DE SEUS
SOTAQUES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Licenciatura em Arte-Teatro

Orientadora: Prof^a Dr^a Wânia Mara Agostini Storolli

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

A368c Alencar, Yasmin Gomes de, 1993-
A confirmação da identidade de atores e atrizes
nordestinos pela afirmação de seus sotaques / Yasmin
Gomes de Alencar. – São Paulo, 2023.

37 f. : il. color.

Orientadora: Profª Drª Wânia Mara Agostini Storolli
Trabalho de conclusão de curso (licenciatura artes-teatro)
– Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”,
Instituto de Artes

1. Língua portuguesa - Pronúncia. 2. Língua portuguesa -
Fonética. 3. Atores – Brasil, Nordeste. I. Storolli, Wânia Mara
Agostini. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Artes. III. Título.

CDD 792.028

Bibliotecária responsável: Mariana Borges Gasparino CRB-8 7762

YASMIN GOMES DE ALENCAR

**A CONFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE ATORES E
ATRIZES NORDESTINOS PELA AFIRMAÇÃO DE SEUS
SOTAQUES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de
Artes da Unesp, como requisito parcial para obtenção do título
de graduada em Licenciatura em Arte-Teatro.

Monografia aprovada: 26/01/2023

Banca examinadora

Profª Drª Wânia Mara Agostini Storolli
UNESP - Orientadora

Profª Ms Paula Cristina Masoero Ernandes
UNESP

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a todas as atrizes e atores que se dispuseram a conversar comigo e a compartilhar suas histórias.

Agradeço a todos os professores da graduação que fizeram parte de minha história e que me ajudaram a abrir o olhar e a me tornar uma atriz e educadora mais preparada e sensível.

Agradeço à minha orientadora, Prof^a Dr^a Wânia Mara Agostini Storolli, pelo acompanhamento e paciência que teve durante a feitura deste trabalho.

Agradeço a Ms. Paula Cristina Masoero Ernandes pela disponibilidade em ler este trabalho e aceitar fazer parte dessa banca.

Agradeço ao atual presidente da república, Luís Inácio Lula da Silva, que voltou ao poder depois da tamanha barbárie que foi o governo de seu antecessor, e que tanto lutou e continuará a lutar pela defesa do ensino público e com qualidade nas escolas e universidades do Brasil.

RESUMO

Este trabalho tem como tema as implicações do sotaque na atuação de atores e atrizes, investigando como os produtores culturais tradicionais, em especial a televisão, foram responsáveis pela estereotipia do sotaque nordestino e como essa dinâmica tem afetado diretamente atores e atrizes vindos do Nordeste, levando-os ao apagamento de seus sotaques e de suas identidades. Analisa-se como novas mídias digitais e, também, o cinema independente contemporâneo permitiram uma maior abertura à escuta de outros sotaques, que não os do Sudeste, tornando-se, nesse sentido, ferramentas de educação e possibilitando um maior reconhecimento identitário entre seus falantes.

Para esse estudo, utilizou-se como base teórica, especialmente a obra dos autores e professores Durval Muniz de Albuquerque Junior e Marcus Bagno. Foi também realizada uma entrevista qualitativa com atores e atrizes do nordeste a fim de investigar situações em que eles se sentiram preteridos para determinado papel, em virtude da voz e do sotaque que portam e como isso vem a interferir na maneira como se veem no mundo. Além disso, através do estudo do filme “O som ao redor”, de Kleber Mendonça Filho e, também, dos vídeos do humorista Whindersson Nunes, examina-se como o cinema independente e a internet têm sido utilizados como instrumentos de desobediência a um padrão antiquado, que já é contestado.

Por fim, com Bordieu e com o Grupo Magiluth, verifica-se que ao se apropriar de sua voz e ter protagonismo a partir da escrita, atores e atrizes passam a ter o poder de uma ferramenta poderosa, de rompimento de todos esses paradigmas.

Palavras-chave: Sotaques, Nordeste, Identidade, Preconceito linguístico, Novas mídias.

ABSTRACT

This work aims to investigate how traditional cultural producers, especially television, were responsible for the stereotype of the Northeastern accent and how this dynamic directly affected actors and actresses from the Northeast, leading to the erasure of their accents. It will be analyzed how new digital media and also contemporary independent cinema allowed a greater openness to listening to accents, other than those of the Southeast, enabling a greater identity recognition among its speakers.

For this study, it was used as a theoretical basis, especially the work by authors and professors Durval Muniz de Albuquerque Junior and Marcus Bagno. A qualitative interview was also carried out with actors and actresses from the Northeast in order to investigate situations in which they felt passed over for a certain role, due to the voice and accent they carry and how this interferes with the way they see themselves in the world. In addition, through the study of the film “O som ao redor”, by Kleber Mendonça Filho, and also the videos of the comedian Whindersson Nunes, it is examined how the independent cinema and the internet have been used as instruments of disobedience to a antiquated standard that it is already contested.

Finally, with Bordieu and the Magiluth Group, it appears that by appropriating their voice and having protagonism from writing, actors and actresses come to have the power of a powerful tool, to break all these paradigms.

Keywords: Accents, Northeastern, Identity, Linguistic prejudice, New media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa Veja São Paulo de janeiro de 2021

Figura 2: Destaque no Instagram da reportagem “São Paulo: a capital do Nordeste

Figura 3: Maria do Carmo na novela “Senhora do destino”

Figura 4: Canta Pedra, cidade cenográfica de Mar do Sertão

Figura 5: Prints de alguns dos comentários do vídeo ‘Sotaque’

Figura 6: Pôster do filme “O som ao redor”

Figura 7: Manchete de reportagem do site “Bem Paraná”

Figura 8: Grupo Magiluth

Figura 9: Pôster do filme “Não te amo mais”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE 1: A ESTEREOTIPIA DO SOTAQUE NORDESTINO NAS MÍDIAS	12
NASCE UM SOTAQUE ESTEREOTIPADO...	13
A TELEVISÃO	17
NOVAS MÍDIAS E A ABERTURA DE NOVAS ESCUTAS	19
“O SOM AO REDOR” E O CINEMA DO NORDESTE COM ATORES E ATRIZES DO NORDESTE	21
PARTE 2: O LUGAR DE FALA (COM SOTAQUE) DE ATORES E ATRIZES NORDESTINOS QUE CRIAM.	24
A PERSPECTIVA DE ATRIZES E ATORES NORDESTINOS	25
O ATOR CRIADOR: O PROTAGONISMO DE ATORES E ATRIZES NORDESTINOS E A APROPRIAÇÃO E AFIRMAÇÃO DE SUAS NARRATIVAS E SOTAQUES.	30
NÃO TE AMO MAIS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

INTRODUÇÃO

Sou uma pessoa movida por angústias. Para mim, elas são lugar de desconforto do qual quero sair e seguir adiante. Uma angústia é o que me levou a escrever esse trabalho.

Sou uma atriz cearense e aos 17 anos vim morar em São Paulo, onde iniciei um curso profissionalizante de atuação. Esse curso em específico, tinha como foco as aulas de vídeo e tornou-se famoso por ter sido o local de passagem de alguns atores globais. Eu também tinha esse sonho. Embora as aulas no teatro preenchessem mais da metade da grade curricular, a aula que mais ansiávamos era a de vídeo. Nela, recebíamos um roteiro com uma cena, estudávamos, ensaiávamos e nos dirigíamos ao estúdio, que ficava dentro da própria escola. Lá, filmávamos a cena e em seguida íamos para uma pequena sala onde havia uma grande televisão. Assistíamos cena por cena e éramos avaliados nesse processo. Eu era uma aluna dedicada, seguia todo o protocolo.

Em minha primeira avaliação, a professora avaliadora assistiu a cena de forma contínua. Eu estava nervosa pelo que ela iria dizer. “A cena está boa”, foi o que saiu, “mas você tem sotaque”. Foi a primeira vez na vida que isso me foi apontado acompanhado da conjunção adversativa: MAS, usada para transmitir ideia de oposição ou adversidade. “O sotaque, não me entenda mal, acaba te fazendo uma atriz limitada. Assiste o Jornal Nacional e presta atenção ao jeito como o William Bonner fala”. Aquilo foi um baque.

Eu nunca quis ser uma atriz limitada e na época não me era claro que o meu sotaque cearense interferisse nisso. Precisava resolver a questão o mais rápido possível e comecei a saga de assistir ao Jornal Nacional. Ouvia atentamente o jeito que o William Bonner falava. Assistia vídeos com entrevistas no YouTube e repetia as palavras que ele dizia. Reproduzia sua cadência de fala, suas vogais mais fechadas, seus Ss não chiados. Por fim, fui a uma fonoaudióloga e consegui “neutralizar” o meu sotaque. Já não era mais uma atriz limitada. Mal sabia eu, que também já não era mais a Yasmin, já que nesse processo fui me apagando.

Foi longo o decurso até finalmente entender que aquilo que me foi dito não era verdade. Foi longo o decurso até eu finalmente entender o quanto me “neutralizar” afetou minha identidade e a falta de conexão em relação a minha própria cultura. Recordo-me do espanto das pessoas quando eu dizia que era cearense: “nossa, mas você nem tem sotaque...”. Isso era, para mim, motivo de orgulho. Foi longo o decurso até cair a ficha de que não ter

sotaque era falar com sotaque de São Paulo ou do Rio de Janeiro e que aquilo não era orgulho nenhum e sim, uma violência. Quanta ironia. Foi longo o decurso até entender que sotaque “neutro” não existia.

Comecei a conversar com outros amigos da atuação que, como eu, eram nordestinos. Vi que o mesmo padrão se repetia. Eles também mudavam seus sotaques para se encaixarem num padrão, para também não serem atrizes e atores limitados, para conseguirem trabalho. Que tristeza. No ofício da atuação, um dos principais pilares é o estudo de personagem. Aprendemos a estudar o papel que vamos atuar. Trabalhamos para isso. Eu não sou uma atriz limitada, porque sou perfeitamente capaz de estudar a personagem que vou fazer, saber de onde ela é e falar do jeito que ela, a personagem (e não eu), tem que falar. Meus amigos atores e atrizes nordestinos também não são limitados.

Esse trabalho surge da angústia, portanto de ter passado por um processo ao qual outras atrizes e atores que têm sotaques não-padrão também se sujeitam e da urgência de trazer essa questão ao debate sob nossa perspectiva. Para realizá-lo, procurei investigar como os produtores culturais tradicionais, em especial a televisão, foram responsáveis pela estereotipia do sotaque nordestino e como essa dinâmica afeta diretamente atores e atrizes vindos do Nordeste, levando-os ao apagamento de seus sotaques. Esse apagamento pode conduzir à rejeição ou ao estranhamento de nordestinos de sua própria identidade, afinal, não se reconhecem ou são menosprezados no que se veem representados. No pior dos cenários, esse quadro leva ao preconceito do nordestino contra sua própria identidade, contra si mesmo. Segundo Bagno, isso precisa ser combatido.

É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma. (Bagno, 2007, p.75)

Minha pesquisa busca também examinar como esse cenário vem sendo subvertido graças às novas mídias e ao cinema independente, produzido no próprio Nordeste. Com a internet, com o ensino superior em cinema e com um maior acesso a equipamentos audiovisuais, o nordestino se apropria de sua fala e se torna a personagem principal de sua própria história, ressignificando a maneira como sempre foi subjugado. Esse cenário, felizmente, abre também espaço para que atores e atrizes nordestinos tragam sua voz e seus sotaques para a cena, sem a camuflagem de um padrão que não lhes pertence.

Busco assim, investigar como novas mídias e o cinema possibilitam a quebra de tantos paradigmas, tornando-se ferramentas muito mais democráticas e inclusivas, possibilitando o reconhecimento e a representatividade da identidade nordestina pelos seus próprios falantes. E principalmente, busco colocar em questão todo esse processo sob a perspectiva de atores e atrizes nordestinos que se sujeitam à “neutralização” de seus sotaques e como, através da apropriação de suas narrativas, podemos subverter, questionar e trazer ao debate tal impasse.

Para tanto, este trabalho irá primeiramente se debruçar sobre o contexto histórico que levou a construção do estereótipo nordestino, principalmente na televisão. Será debatido como as novas mídias digitais e o cinema independente colaboram para a ruptura da padronização de sotaques. Em seguida, serão trazidos os depoimentos de atores e atrizes nordestinos que ao virem para o eixo Rio-São Paulo, tiveram que adotar um sotaque dito “neutro” para se encaixarem num padrão e conseguirem trabalho. Por último, será debruçado como o trabalho autoral feito por atores e atrizes pode ajudá-los a alterar essa lógica e colocá-los como protagonistas de suas narrativas, afirmando assim, suas identidades, suas culturas, suas falas.

PARTE 1: A ESTEREOTIPIA DO SOTAQUE NORDESTINO NAS MÍDIAS

NASCE UM SOTAQUE ESTEREOTIPADO...

A voz é um instrumento de afirmação do ser e carrega consigo, através de suas diferentes construções o lugar de onde vem. Isso é manifestado através de sua língua. A língua é mutável e se adapta ao longo do tempo e de acordo com seus falantes (Bagno, 2007). Uma língua é formada por um conjunto de palavras e sons. Essas palavras são encadeadas e ditas, através da voz, com diferentes variantes. Uma mesma língua pode possuir ritmos, cadências e chiados distintos, e essas variantes constituem o sotaque. Um sotaque é formado na região onde é predominantemente falado e é diretamente ligado às influências históricas e culturais deste local.

O Brasil é um país de dimensões continentais e ao longo de sua colonização foi habitado por diferentes nacionalidades, inclusive europeias. Os europeus que vieram ao Brasil concentraram-se em diferentes regiões do país e durante sua estadia adaptaram o português aos seus próprios fonemas e formas de falar. Algumas regiões colonizadas, no entanto, foram mais exploradas e castigadas do que outras e este cenário, posteriormente, favoreceu a hegemonia de alguns Estados sobre outros.

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social . (BAGNO, 2007, p.16)

Com o avanço da exploração das minas de ouro em Minas Gerais e a vinda da corte portuguesa para o Brasil, a capital do país deixou de ser Salvador e passou a ser o Rio de Janeiro. Ao longo desse percurso histórico, o cenário cultural foi altamente enriquecido. Teatros foram construídos e diversos artistas vieram se instalar na nova capital (BITTENCOURT, 2000). Desde então se criou um eixo cultural que posteriormente também se estendeu à cidade de São Paulo, e as duas cidades passaram a comandar o cenário cultural do país.

No transcorrer dos anos, inovações políticas, econômicas e tecnológicas trouxeram adventos como o rádio e, posteriormente, a televisão. Com o desenvolvimento dos satélites, os conteúdos produzidos por essas mídias oriundos do eixo Rio-São Paulo eram transmitidos ao restante do país.

A chegada dos satélites, que permitiu a formação de redes nacionais e, com elas, a viabilização econômica de diversas emissoras de pequeno e médio porte em todo o país, dando novos contornos ao processo de integração nacional iniciado pelo rádio e posteriormente aprofundado pela televisão. (Morgado, 2011)¹

O jeito de se falar nessas mídias era o jeito que se falava na região Sudeste, predominantemente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Assumia-se que esses sotaques eram ausentes de vícios, “limpos”, compreensíveis por todos. Assim, foi-se estabelecendo um sotaque “padrão”, e como resultado disso, a falsa ideia de um sotaque “neutro”, que remete a um sotaque sem influências, e que não existe. O objetivo era a padronização do sotaque a fim de obter-se um entendimento nacional do que era dito nessas mídias. Os sotaques que desobedecessem à “regra”, eram considerados “estranhos” e portanto, difíceis de serem entendidos (ALBUQUERQUE, 2001), como se tratassem de um outro idioma, o que não é verdade. Segundo José Luiz Florin (2002, p. 122), uma variante lexical é um dos modos como uma língua pode variar. Desse modo, de acordo com o mesmo autor, ainda que se tenha diferentes variantes, trata-se do mesmo idioma e portanto, ainda que não haja o entendimento completo devido às diferenças lexicais, a mesma língua que é falada em São Paulo ou no Rio de Janeiro, por exemplo, é também falada na Bahia e nos demais Estados brasileiros.

Em paralelo à ascensão das capitais sudestinas, a região Nordeste, que foi extenuantemente castigada pela colonização e pela seca, tornou-se a região mais pobre do país (GALEANO, 1971). Houve um grande êxodo de trabalhadores nordestinos que largaram suas casas e emigraram para o Sudeste em busca de trabalho e melhores condições de vida. Levaram consigo seus sotaques, que não eram o considerado “padrão”, levaram suas gírias, suas onomatopeias, seus regionalismos. Ao longo do percurso histórico, o sotaque nordestino teve o seu valor depreciado, tornando-se um símbolo de um estereótipo aculturado e pobre do Brasil. A mídia foi um fator de peso que contribuiu para essa estigmatização. Segundo Albuquerque (1999):

A identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p.26)

Assim, o que se percebe é que foi criada uma identidade nordestina a partir do olhar preconceituoso do outro. A estereotipia é um fator que leva ao preconceito social e linguístico. O Nordeste tem superado, e muito, suas dificuldades. Aquela já não é a realidade

¹ “Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/o-futuro-do-radio/>. Acesso em 15 nov de 2021”.

vivida pela maioria de sua população e ainda assim, a mídia tradicional, muitas vezes, ainda insiste em não levar em consideração seu processo de transformação e globalização.



Figura 1: Capa Veja São Paulo. Jan 2021.



Figura 2: Capa Veja São Paulo. Jan 2021

A capa da Veja São Paulo de janeiro de 2021 é um exemplo forte que mostra que essa estereotipia ainda é tão presente. Numa capa repleta de clichês: cactos e tons amarronzados que remetem à seca, são colocados seis personagens que se mudaram para São Paulo e lograram êxito em suas carreiras na capital paulistana. O arremate vem com o título: *A capital do Nordeste*, como se o Nordeste fosse um só Estado, e São Paulo sua capital. Mais uma vez, é colocado em destaque o nordestino que foi para São Paulo para superar a pobreza e vencer a vida na cidade grande. São Paulo é então a cidade da prosperidade e da salvação. Como diz Albuquerque (2001):

O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõe de tal forma, que oblitera a multiplicidade das imagens e das falas regionais, em nome de um feixe limitado de imagens e falas clichês, que são repetidas *ad nauseum*, seja pelos meios de comunicação, pelas artes, seja pelos próprios habitantes de outras áreas do país e da própria região (ALBUQUERQUE, 2001, p. 307).

Na televisão, a estereotipia do nordestino e seu lugar de vitimização e mesmo escárnio, também se fazem presentes, sobretudo nas novelas. Um exemplo clássico, entre muitos, foi a novela “Senhora do destino”, em que a protagonista, Maria do Carmo, interpretada por Suzana Vieira, uma atriz paulistana, sai da cidade natal em Pernambuco para ganhar a vida e ser bem-sucedida no Rio de Janeiro. A mesma sinopse se dá para a novela

“Império” (2015), em que a personagem principal interpretada pelo ator Alexandre Nero também sai de um lugar “pobre” para ter uma vida melhor no Sudeste.

Nos dois exemplos, mesmo sendo personagens nordestinos, nenhum dos atores o é, o que de fato não é um problema, salvo o caso de Maria do Carmo, já que Suzana Vieira inventa um arremedo de entonações que não caracterizam nenhum dos sotaques do Nordeste.

É evidente que no estudo autoral para a composição de uma personagem, muitas questões estão envolvidas, e são muitas as vertentes possíveis de estudo na criação de uma personagem. Uma dessas vertentes está ligada às questões psicofísicas. Nesse assunto, é preciso que haja uma análise minuciosa que leve em consideração a origem de onde ela, a personagem, vem, e quais são suas raízes, suas influências e seus objetivos.

É importante notar que a nomenclatura correta do que nós, normalmente, chamamos de ação física é, na verdade, ação psicofísica. Lógico, o investimento na memória, as associações pessoais são elementos de dimensão psíquica e possivelmente de dimensão espiritual. Assim, este corpo precisa ser entendido, compreendido, vislumbrado como veículo de alguma coisa e não como a própria coisa. A própria coisa parece que está em outro espaço: não-material (Sodré, 2014, p.90).

Parte desse treinamento requer uma preparação vocal do ator e um aprimoramento vocal, muito através da observação, experimentação e treino. São muitas as possibilidades de experimentação vocal no trabalho de um ator.

[...] a voz, de fato, é mais que a palavra. Sua função vai além de transmitir a língua. Ela não transmite a língua; antes se diria que a língua transita por ela, voz cuja existência física se impõe a nós com a força de choque de um objeto material. A voz é uma coisa; suas qualidades podem ser descritas e medidas – tom, timbre, amplitude, altura, registro. Várias civilizações atribuíram valor simbólico a cada uma dessas qualidades, e nas relações pessoais cotidianas, julgamos alguém por sua voz e (às vezes com má-fé) estendemos esse julgamento ao valor do que é dito. (ZUMTHOR apud FORTUNA, 2000, p. 31).



Figura 3: Maria do Carmo na novela “Senhora do destino”

Mas apesar de tantas possibilidades de treinamento, parece que na televisão, e especificamente nessa novela, pouco foi a preparação. O que se escuta é um uso inapropriado de um sotaque, sem uma base, e ao que parece, sem estudo vocal para uma personagem que vem do Estado de Pernambuco.

Nisso tudo, onde estão os atores e atrizes nordestinos com seus sotaques verdadeiros em cena, numa obra que não coloque o Nordeste nesse lugar de pena, de sofrimento? Onde e como o ator nordestino se vê nesse lugar? Ao que parece, na televisão, não são muitas as referências...

A TELEVISÃO

Infelizmente, a mídia dominante ainda recorre ao estereótipo de uma terra castigada com personagens pobres, ignorantes, engraçados ou sofridos. Nas novelas brasileiras isso é muito presente, e na maioria das vezes, as personagens nordestinas são interpretadas por atores e atrizes do Sudeste que fazem uso de um sotaque estereotipado, que sequer existe. Quase sempre, desconsidera-se que o Nordeste é uma região composta por nove Estados, cada um com suas peculiaridades e respectivas variantes linguísticas. Poucos são os atores e atrizes nordestinos escalados para as tramas televisivas, e a eles, via de regra, restam os papéis caricatos e coadjuvantes. Bagno defende que:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. (Bagno, 2007, p. 44).

Acontece que na televisão, a novela ainda é um dos produtos mais consumidos pela população brasileira. Conseguir um papel em uma trama global é o grande sonho de muitas atrizes e atores, inclusive do Nordeste, que se deslocam para o Rio de Janeiro ou para São Paulo em busca dessa realização. Ao chegarem nas escolas de atuação, ou nas agências de atores, uma das primeiras coisas que lhes são apontadas é a presença de seus sotaques e o pedido para a “retirada” deles. Nos castings, processos de seleção de atores e atrizes para determinada obra, ocorre que muitas atrizes e atores deixam de conseguir certos papéis logo quando percebem a existência de um sotaque mais forte. “Você consegue neutralizar?”, é uma pergunta constante para quem trabalha no meio. Aos atores e atrizes do Nordeste caberá

então apenas os papéis coadjuvantes ou caricatos citados acima por Marcus Bagno? Muitas vezes, sim. Mas a outra opção, talvez ainda mais grave, é a “neutralização” de seus sotaques, ou melhor, o apagamento deles.

Esse é um trecho de uma matéria da Folha de Pernambuco sobre preconceito linguístico realizada pelo jornalista Wellington Silva:

A atriz recifense Endi Vasconcelos, 31 anos, morou durante nove anos no Rio de Janeiro e sentiu na pele o que é perder oportunidades simplesmente por conta da forma como se expressava. Ela conta que para se sentir e ser aceita nos testes passou a falar com o sotaque carioca. Uma das situações marcantes para ela foi quando uma mulher a orientou a não falar que era de Recife, já que a atriz falava como os cariocas. “Na hora eu achei natural, mas no caminho de volta para casa fui refletindo e percebi como isso é sério porque é a minha essência a forma que eu falo”, comenta. (SILVA, 2021)²

O caso da atriz Endi Vasconcelos não é incomum: muitos atores e atrizes, tanto do Nordeste, quanto de outras regiões do país, são conduzidos a esse mesmo processo em prol do êxito em suas carreiras. Acontece que essa negação é um tipo de opressão, pois a omissão de um sotaque é sinônimo de apagamento de uma cultura, de uma identidade e de uma história. Como diz Bagno: “A língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos.” (Bagno, 2007, p. 144).

Assim, é algo triste, assistir um filme ou novela e ver a quantidade de atores e atrizes do sudeste que interpretam personagens nordestinos com sotaques que não existem e que vendem uma imagem já cansada e equivocada de um sertanejo no mundo.

Mas há exceções, o exemplo mais atual se dá na novela “Mar do Sertão” (2022), exibida na Rede Globo, com direção de Allan Fiterman. A novela é situada no sertão nordestino, na cidade fictícia de “Canta Pedra” e grande parte do elenco é formada por atores e atrizes de diferentes Estados do Nordeste. A ficcionalidade, entretanto, parece ter sido o caminho encontrado para justificar a mistura de sotaques de atores nordestinos e sudestinos que vêm dessa cidade que não existe.

² “Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/sotaques-revelam-as-multiplas-facetadas-da-lingua/175210> Acesso em 15 set de 2021.



Figura 4: Canta Pedra, cidade cenográfica de Mar do Sertão

NOVAS MÍDIAS E A ABERTURA DE NOVAS ESCUTAS

Um dos acontecimentos importantes da contemporaneidade é a desierarquização dos produtores culturais dominantes, devido aos avanços tecnológicos, a democratização de equipamentos e a evolução das redes sociais. “O surgimento de novas tecnologias sustenta um impulso democrático para permitir que mais pessoas criem e circulem na mídia (JENKINS, 2009, p. 341)”. As novas mídias, com destaque para o *Youtube* e o *Instagram*, possibilitaram uma maior variedade de narrativas, contribuindo para fragmentação de temáticas e permitindo um maior leque de perspectivas e consequentemente, de identificações. As redes sociais, além disso, propiciaram uma maior interação entre seus usuários, através de curtidas, comentários e compartilhamentos. Dessas interações, surgem os influenciadores digitais. Não é mais necessário um canal de televisão, por exemplo, para se tornar conhecido.

O fenômeno da “viralização” proporcionou a ascensão de pessoas que falavam de suas casas por meio de vídeos gravados em seus próprios aparelhos celulares e sem a preocupação de se falar como na televisão. Os sotaques para a maioria desses influenciadores nunca sequer foi uma questão. Eles eram quem eles eram (e são), e isso não foi um impedimento para que se fizessem ouvidos e compreendidos. Essa abertura levou a uma maior escuta de diferentes sotaques, inclusive os do Nordeste.

No Nordeste, o influenciador de maior alcance é Whindersson Nunes. Nascido em Palmeira, no Piauí, em janeiro de 1994, ele viralizou no Youtube em 2012 com o vídeo “Alô, Vó, tô reprovado”³. No vídeo, ele faz uma paródia da música “Vó, tô estourado” (Israel Novaes) e nela brinca com seus colegas de classe sobre o fato de ter sido reprovado na escola.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o08OoWPWbIs>. Acesso em 13 nov de 2022.

O vídeo foi postado em 21 de janeiro de 2013 e hoje conta com 14.263.040 visualizações. O humor é uma das características que mais chamam atenção na internet e foi fazendo uso dele que Whindersson continuou a fazer seus vídeos e a alcançar o lugar de maior Youtuber do Brasil, com 43,9 milhões de inscritos e mais de 3 bilhões de visualizações (até outubro de 2022).

Em seu trabalho, Whindersson Nunes não abre mão de seu sotaque e de sua identidade piauiense. Um de seus vídeos, a propósito, é intitulado ‘Sotaque’⁴. No vídeo analisado, Whindersson Nunes fala do preconceito linguístico que sofreu no início de sua carreira. “O cara fala de um sotaque como se fosse um defeito meu”. Ele questiona o quanto os outros reconhecem e problematizam seu sotaque e seus regionalismos, ao mesmo tempo que não enxergam os seus próprios, como se eles não existissem por serem da região Sudeste. Whindersson esclarece que não existe “falar errado”, o que existem são diferenças linguísticas.

Whindersson Nunes subverte o discurso de preconceito e explica, de maneira bem-humorada, o que são variantes linguísticas. O vídeo conta com 24.373.553 visualizações (até o dia 18/10/22). Nos comentários do vídeo, percebe-se inclusive o bom humor de nordestinos em relação a seus regionalismos.

É interessante a leitura desses comentários, não só pela questão do humor, mas sobretudo porque percebe-se através das curtidas, quantas pessoas se reconhecem em tais expressões e isso é um reconhecimento identitário. A multiplicidade de falas ocasiona a convergência de identificações identitárias e culturais. A internet foi um fator importante para que, hoje, o Nordeste esteja tão em moda. Além de Whindersson Nunes, é extensa a lista de personalidades nordestinas que usam as redes sociais como meio de comunicação com o seu público. A cultura de convergência e a internet abrem espaço para que artistas nordestinos tenham espaço para suas falas, sem o estigma de se sentirem obrigados ao encaixe em um padrão. O cinema feito no Nordeste também é parte disso.

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-vF7-jRcyfU>. Acesso em 14 nov de 2022.

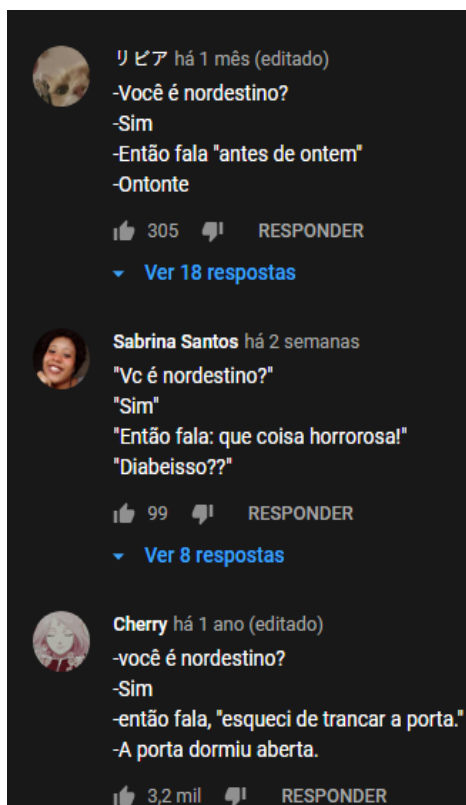


Figura 5: Prints de alguns dos comentários do vídeo ‘Sotaque’

“O SOM AO REDOR” E O CINEMA DO NORDESTE COM ATORES E ATRIZES DO NORDESTE



Figura 6: Pôster do filme “O som ao redor”

“O som ao redor” dirigido por Kleber Mendonça Filho é um filme pernambucano lançado em 2012. No enredo, algumas tramas se entrelaçam e o que conecta todas é a rua. Através de várias metáforas, a premissa principal da história é a comparação entre o Recife escravocrata e o Recife atual, com o intuito de mostrar o quanto os resquícios da época da escravidão ainda estão presentes na atualidade. O filme se passa em Recife, mas poderia ser facilmente deslocado para diversas localidades do país, onde tais reminiscências, mesmo que camufladas, ainda existem. A escolha dessa obra para esta pesquisa foi motivada pela pluralidade de suas personagens, por sua ambientação e pelo afastamento dos clichês já tão gastos.

O cenário de “O som ao redor” é Recife, uma cidade grande com seus elementos e contradições. São intercaladas imagens que ilustram essas ambivalências; de um lado a praia e seus edifícios contemporâneos e pomposos, do outro, a favela. Esse já é um elemento forte por si só, pois foge dos típicos cenários que colocam o nordestino num cenário de sertão e de seca. As casas das personagens vão desde mansões até apartamentos de uma classe média ascendente. Nelas, temos cozinhas bem equipadas, máquinas de lavar, salas com televisão e outros itens que compõem uma moradia confortável.

Muita engenhoca se apresenta, como pede a classe média. Do telefone celular ao laptop, do pequeno monitor à TV de 40 polegadas, do binóculo ao radioamador, do ultrassom anti cães à máquina de lavar, aparatos diversos se apresentam durante as duas horas de filme para mostrar como a vida de cada um pode ser esmiuçada a partir da imagem e do som. (DIAS, 2013)⁵

Já na primeira cena do filme, crianças brincam no condomínio de um prédio e utilizam bicicletas e patins. A garagem possui carros importados, pessoas conversam em seus celulares, fazem uso de câmeras fotográficas. São informações que, por mais que pareçam banais, mostram que o lugar faz parte de um mundo globalizado com acesso a recursos, a tecnologias e que não se limita ao já tão usado e castigado lugar da pobreza e da seca. Não é que essa parte não exista, mas o ponto é que não é o foco e isso é admirável já que revela outras facetas do Nordeste que não só o vitimiza.

As personagens do longa-metragem se destacam pelas suas pluralidades e, mais uma vez, por não caírem no lugar da estereotipia, permitindo a sensação de empatia e reconhecimento não só dos espectadores nordestinos, mas do Brasil como um todo, pois o que se vê, é a metáfora do cerne da sociedade brasileira.

⁵ Disponível em <https://www.revistabula.com/84-o-som-ao-redor-e-o-brasil-acontecendo/>. Elder Dias, 2013. Acesso em 20 junho de 2022.

Na história toda, o “jeitinho” brasileiro também mostra sua cara multifacetada: o pequeno traficante se faz entregador de água para passar a droga; a dona de casa resolve a sexualidade que não tem com o marido “traindo-o” com a lavadora de roupas; a diarista leva as netas para o apartamento do patrão porque a filha tem um compromisso; a inquilina em potencial que se aproveita de um suicídio para tentar ganhar desconto no aluguel; a empregada diz que vai à lavanderia e assim garante o álibi para uma transa durante o expediente; e, por fim, a vizinhança encontra a solução contra a violência em um serviço amador de segurança privada. Exemplos do “homem cordial” descrito por Sérgio Buarque de Holanda em “Raízes do Brasil”. (DIAS, 2013)⁶

A maioria do elenco do filme é composta por atores e atrizes pernambucanos que se apropriam devidamente de suas falas com seus sotaques. E esse é um ponto de destaque do cinema feito por nordestinos, que ao invés de esconderem os sotaques de sua região, escancara-os, pois o cinema é o retrato em movimento de uma realidade. Além de Kleber Mendonça Filho, outros realizadores do Nordeste também se apropriam disso. Destaco aqui Deo Cardoso, Claudio Assis, Karin Ainouz, Pedro Diógenes, Marcelo Gomes, Allan Deberton, e Gabriel Mascaro. A realidade do Nordeste e das demais regiões brasileiras, com todos seus Estados, tem seus sotaques. Em nenhum lugar se fala de um jeito só. Esse fato não prejudica de maneira alguma o entendimento do que é dito e muito menos a qualidade da produção. Além disso, os filmes desses realizadores não abordam apenas temas que remetem a uma existência necessariamente penalizada; os temas são plurais, assim como a vida o é. Nos mais importantes festivais de cinema do Brasil e do mundo, entre eles, o Festival de Roterdã, onde fez sua *première* mundial, “O som ao redor” ganhou mais de quarenta prêmios, quebrando o monopólio do Sudeste, contribuindo para o reconhecimento da qualidade do cinema nacional em escala mundial, elevando-o a um outro patamar.

“O Som ao Redor” acaba se revelando, ao mesmo tempo e de forma magistral, a denotação e a conotação da dinâmica de um país. É o relato e a paráfrase do relato. É o Brasil sendo, acontecendo. (DIAS, 2013)⁷

⁶ Disponível em: <<https://www.revistabula.com/84-o-som-ao-redor-e-o-brasil-acontecendo/>>. Elder Dias, 2013. Acesso em 20 junho de 2022.

⁷ Disponível em: <<https://www.revistabula.com/84-o-som-ao-redor-e-o-brasil-acontecendo/>>. Elder Dias, 2013. Acesso em 20 junho de 2022.

**PARTE 2: O LUGAR DE FALA (COM SOTAQUE) DE ATORES E
ATRIZES NORDESTINOS QUE CRIAM.**

A PERSPECTIVA DE ATRIZES E ATORES NORDESTINOS

Com o intuito de investigar o quanto atrizes e atores nordestinos já tiveram que mudar seus sotaques a fim de se encaixarem num padrão televisivo; e também com o objetivo de buscar saber o quanto as novas mídias têm gerado um impacto positivo na democratização da escuta de novos sotaques, foi realizada uma pesquisa através de formulário do *Google Forms* com os seguintes questionamentos:

- Você já sentiu algum tipo de preconceito pelo seu sotaque nordestino?
- Você se sente representada(o) pelas personagens nordestinas nas novelas da tv aberta? Pode citar um exemplo?
- Se você é atriz/ator, já sentiu que deixou de conseguir um papel por causa de seu sotaque?
- Se você é atriz/ator, já teve que mudar o seu sotaque, "neutralizando-o", para um papel?
- Você acha que existe sotaque neutro?
- Você acha que o Youtube e o Instagram permitiram uma maior escuta de outros sotaques, que não os do Sudeste?
- Você acha que os novos streamings (*Netflix, Amazon Prime...*) também diversificaram a escuta desses sotaques?
- Você se sente mais representada(o) por essas novas plataformas do que pela mídia tradicional? Se puder, justifique.
- Que influenciadores nordestinos você gosta de seguir? Se puder, diga o porquê.
- Gostaria de dar o seu depoimento acerca desse assunto? Se sim, utilize o espaço abaixo.

A pesquisa realizada contou com a resposta de 55 atores e atrizes da região Nordeste. Nela, todos os entrevistados disseram já ter sofrido preconceito linguístico pelos seus sotaques vindos do Nordeste. Mais de 60,0% dessas pessoas relataram que sentiram que deixaram de conseguir determinado papel devido à presença de seus sotaques, e ainda 88,9% relataram que tiveram que alterar seu sotaque para conseguirem passar em certo teste. Pouco se é falado sobre essa realidade de atrizes e atores que são levados a mudarem seus sotaques, de modo que a questão não chega a ser tão problematizada e continua a se perpetuar de forma natural, mas violenta.

Quando cheguei em São Paulo em 2006 não tinha consciência que eu tinha um sotaque e que esse modo de falar me colocava dentro de um espaço geográfico, social e político, e essa identificação era vista como inferior, pelo menos por muitas pessoas que me relatei por um período. Quando comecei a estudar teatro meu primeiro professor de voz sempre que podia me orientava a trabalhar um sotaque "neutro", era uma mistura do sotaque de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, e reforçava que caso eu não conseguisse anular meu sotaque somente iria conseguir fazer papéis como empregada doméstica. Lembro de um sentimento de estar deslocada, desenraizada. (Maria Alencar, 35, atriz, Mauriti- CE)

Sotaque tem a ver com identidade. Sentir-se desenraizada, afastada de sua origem por não pertencer a um padrão deveria ser algo mais discutido entre a classe artística. Questionar também quais papéis são interpretados pelas atrizes e atores nordestinos é parte importante desse exercício, afinal e é óbvio, a região não é nem de longe só constituída de empregadas domésticas e porteiros, com todo respeito a essas profissões. Reparar e elaborar como determinados tipos se repetem, e outros não, sobretudo na televisão, deveria ser uma pauta urgente em reuniões de produção de elenco, enfim.

As novas mídias, como as redes sociais, trouxeram uma maior disponibilidade de escuta da fala que não é a padrão, mas ainda assim o alcance desses canais não é o mesmo que o de uma televisão aberta. Nos streamings, como Netflix e Amazon Prime, há uma maior diversidade de escuta, mas a diversidade linguística ainda não é uma grande predominante, até porque a maioria dos conteúdos brasileiros ainda são produzidos no Sudeste.

Os números dessa pesquisa revelam o quanto atores e atrizes da região Nordeste sofrem em suas carreiras devido aos seus sotaques. Aliás, alterar o sotaque para conseguir determinado papel acaba se tornando uma prática comum e, ainda que as novas plataformas, como Youtube e Instagram, abram a escuta para pessoas reais com sotaques reais, os streamings e a televisão em suas séries e novelas ainda não se abriram totalmente a esta realidade. Em resposta a esta pesquisa, Tamires Salvador (32 anos, atriz de João Pessoa-PB) desabafa:

Em qualquer estado do Brasil que chegamos nos deparamos com pessoas de todos os lugares do Brasil, principalmente nos eixos Rio-SP ...então por que uma história contada para o Brasil ou até para o mundo não pode ter essa pluralidade? A matemática é simples, se o vídeo imita a vida, essa diversidade deveria ser normalizada em qualquer rede de divulgação cultural (Tamires S, 34, Salvador-BA)

Uma das grandes belezas de se viver num país de dimensões tão grandes como o Brasil é ter uma população diversa e cheia de sotaques. Essa diferença é vista na vida real e é

importante que seja cada vez mais levada também para a ficção. E nesse caso, deve-se levar em consideração quais papéis cabem aos atores e às atrizes do Nordeste. Embora sejam exceções, é que as personagens nordestinas são interpretadas por atrizes e atores sudestinos que uniformizam os sotaques dos Estados do Nordeste, deixando-os com uma pronúncia única e descaracterizando-os totalmente. Um exemplo marcante, entre tantos, é o filme “Dona Flor e seus dois maridos” (2017), com direção de Pedro Vasconcelos. Apesar de ser uma trama baseada na obra de Jorge Amado e sediada na cidade de Salvador, o elenco principal é composto inteiramente por cariocas que desviam aniquiladoramente o belo sotaque soteropolitano.

Essa é a realidade em que atrizes e atores nordestinos são rejeitados em novelas, séries, filmes e publicidades. Esse é o cenário também, em que para fugir do quadro descrito, muitos se sujeitam à perda de seus sotaques, e consequentemente de sua naturalidade, em prol do encaixe em um padrão: o padrão dos sotaques carioca e paulistano. Nas várias escolas de atuação, especialmente do eixo Rio-São Paulo, preza-se por uma formação que tenta padronizar a fala, almeja-se, como se vê no subtítulo da matéria abaixo, uma variante que reproduza a maneira que é falada por William Bonner e Fátima Bernardes, que é uma mistura dos sotaques do Rio de Janeiro e de São Paulo.

PROSÓDIA

Aulas e exercícios ajudam atores a alcançar o “sotaque neutro”

Jeito de falar de William Bonner e Fátima Bernardes é meta de muitos artistas

Agência Estado | 02/06/2008 às 12:49

Figura 7: Manchete de reportagem do site “Bem Paraná”

Nessa matéria⁸, fala-se sobre o trabalho de atrizes e atores que buscam através de treinamento com fonoaudiólogos, amenizar os traços mais fortes de seus sotaques. Eles procuram aqui uma cadência de fala de uma forma que não se possa identificar qual é sua

⁸ Disponível em

<https://www.bemparana.com.br/televisao-e-gente/aulas-e-exercicios-ajudam-atores-a-alcancar-o-sotaque-neutro-68776/>. Acesso 10 dez de 2022.

origem. Através, especialmente, de exercícios de prosódia, que juntam entonação e ritmo de fala, investigam métodos e treinamentos que suavizam seus Erres e Esses mais acentuados. Segundo ainda a mesma reportagem, essa prática acontece em três fases, onde primeiramente é identificado o sotaque do ator, em seguida a criação de um novo padrão e por último, o treino do mesmo.

A prática de exercícios de treinamento para voz deveria ser algo inerente ao trabalho do ator/da atriz, porém seria muito mais ético que tal estudo fosse destinado à adaptação do ator/da atriz para determinado papel, e não para o jeito como ele ou ela se expressa e se coloca na vida.

As pessoas acham que ator nordestino tem sotaque muito forte e não vai conseguir fazer outro tipo de personagem, por isso acabam nos jogando para papéis clichês. Acham normal atores do sudeste fazerem o sotaque nordestino, e quase sempre acaba sendo de uma forma bem clichê, mas quando é para atores nordestinos fazerem o sotaque carioca ou paulista para eles é mais problemático. (Endi Vasconcelos, 31, atriz, Recife-PE)

Entre os relatos coletados durante a pesquisa, destaca-se esse ponto:

Acredito que a não permissão de atores atuarem com seus próprios sotaques, implicam na maneira do ator se desaculturar de algo que é sua característica principal, como se fosse uma desapropriação de sua cultura. Acredito firmemente que o Sotaque do ator, não faz diferença na sua capacidade de interpretar qualquer papel que a ele seja proposto. (Catiana, 34, atriz, Crato-CE)

O ator Bruno Nunes complementa:

Eu acho um pensamento muito “quadrado” limitar um ator por conta do seu sotaque, é um verdadeiro absurdo deixar de ver um profissional exercer sua função por conta do sotaque que tem. Claro e evidente que se esse personagem foi um carioca da gema não será possível escalar um nordestino com seu sotaque natural para o papel, não vai passar verdade independente do ator que esteja atuando, porém muitas vezes, a maioria das vezes esses personagens não tem esse registro de sua origem e por isso não teria ao meu ver problema de misturar os sotaques na trama. Na vida real carioca não fala só com carioca, paulista não fala só com paulista, estamos todos os dias ouvindo essa riqueza cultural sem estranhamento e acredito que na maioria dos trabalhos na ficção isso seria muito bonito e natural de ver. (Bruno Nunes, 40, ator, Recife-PE).

Segundo Adriana Cavarero, “cada ser humano é um ser único e é capaz de manifestar isso com a voz, chamando e contagiando o outro, e, sobretudo gozando essa recíproca manifestação.” (CAVARERO, 2011, p. 21) Ainda segundo a mesma autora, “A voz é o equivalente daquilo que a pessoa única possui de mais escondido e mais verdadeiro” (CAVARERO, 2011, p. 21) e continua ao afirmar que “Trata-se de uma vitalidade profunda do ser único que goza da sua auto revelação por meio da emissão de voz” (CAVARERO, 2011, p. 18). A nossa vocalidade e dentro dela, o nosso sotaque, faz parte substancial de um conjunto linguístico e como diz Adriana Cavarero, é uma forma de expressão única de cada ser. A voz

e o sotaque de uma pessoa imprimem uma história e sua identidade, a ideia de ela seja única, reduzida a um único padrão é de fato uma fantasia de mal gosto. Pedir a um ator/ a uma atriz, para que retire seu sotaque na vida, ainda que sem essa intenção, acaba sendo uma prática de definimento de uma essência, a vitalidade profunda citada acima é oprimida. Como lidar com essa situação, quando sua própria identidade e essência são alvos de uma estereotipia que provoca ou o riso ou a piedade?

É preciso ainda, diante dessas novas perspectivas aqui analisadas, que atrizes e atores nordestinos neguem sua cultura, seu lugar, sua identidade para poderem trabalhar?

Gostaria que a cultura Nordestina fosse mais valorizada, fosse mais falada, que o nosso sotaque tão bonito fosse mais ouvido por aí sem nos podar tanto. Amo meu sotaque, mas quando não tô no meu estado natal sinto que sou julgada pela forma "engraçada" (sim, já ouvi essa expressão) que eu falo. (Mônica Cruz, 30, Mossoró-RN)

São belas as diferenças vocais nas falas que diferem de uma região para outra. Muitos nordestinos, como Mônica Cruz, amam terem o sotaque que tem e não querem abrir mão dessa essência tão vital. É um desejo latente, não só de atores e atrizes, mas de nordestinos de se verem representados e valorizados sem serem remetidos ao estereótipo.

É cansativo ver nordestinos representados como sofrendores vindos da seca (até em produções feitas por nordestinos! - muitas que eu amo, inclusive). Mas eu só queria ver produções tratando dos mais diversos assuntos, protagonizadas por nordestinos de forma não caricatural. (Mariana, 26, Acopiara/CE)

Ocorre que ainda há uma tendência de realizadores e produtores, inclusive nordestinos, continuarem a produzir esse conteúdo nesse lugar de sofrimento, é como se a fórmula funcionasse e claro, vendesse, para o resto do país inteiro. Quando a produção sai desse lugar e é colocada sob outra perspectiva, como aconteceu com o filme analisado, “O som ao redor” (2012), ocorre uma espécie de revolução cultural regional. Então e se atores e atrizes, que são o alvo dessa pesquisa, pudessem se apropriar mais disso e criassem suas próprias narrativas, colocando-se como criadores e protagonistas dessas histórias?

Na minha experiência como uma pessoa criada e formada no extremo oeste baiano, minhas referências e vivências nunca foram representadas em grandes mídias, na verdade só vejo algo nas redes sobre meu lugar e meu sotaque acompanhando minhas amigas e conterrâneas nas redes sociais. Na televisão nunca vi algo que se aproximasse dessas pessoas, de modo geral a representatividade de pessoas nordestinas sempre me parece algo como um puxadinho nesses lugares, um lugar ordinário das relações de poder construídas a partir dos referenciais sudestinos nesses lugares de destaque. Acredito que já houveram papéis que valorizaram de forma positiva essa presença nordestina, mas mesmo quando o cenário é o nordeste a presença sudestina sempre é de alguma forma "mais" protagonista. (Karl Marx Araújo, 30, Bahia)

O ATOR CRIADOR: O PROTAGONISMO DE ATORES E ATRIZES NORDESTINOS E A APROPRIAÇÃO E AFIRMAÇÃO DE SUAS NARRATIVAS E SOTAQUES.

*Que a escrita tome o lugar dos companheiros da ascese:
de tanto enrubescermos por escrever como por ser vistos,
abstenhamo-nos de todo o mau pensamento.
Disciplinando-nos dessa forma, podemos reduzir o corpo à
servidão e frustrar as astúcias do inimigo.*

(Foucault)⁹

Além de todo o cenário apresentado referente a padronização de sotaques de atrizes e atores nordestinos, no cenário brasileiro, optar por seguir a carreira de atriz/ator é um caminho árduo, já que em muitas vezes, a escolha traz consigo dois tipos de instabilidade: a financeira e por consequência dela, a emocional. Muitos, talvez a maioria, não vive exclusivamente de sua profissão. Ainda que haja uma formação e capacitação profissional, arranjam trabalhos completamente fora da área da atuação para que possam ter um sustento e se manter.

Ocorre ainda que no processo de feitura de uma obra artística, e considerando especificamente as produções audiovisuais, a atriz/o ator é um sujeito com pouca autoridade sobre seu próprio trabalho. Há uma hierarquia que passa pela linha de roteiristas, produtores e diretores, onde as atrizes/os atores se moldam ao que essas pessoas desejam. Em todos os cenários, percebe-se uma constante: as relações verticais que colocam o ator num lugar de submissão em relação aos demais profissionais. Pode-se fazer um paralelo ao que Bourdieu ilustrou em ‘As regras da arte’ (1996) em relação ao mercado literário:

Doravante, trata-se de uma verdadeira subordinação estrutural, que se impõe de maneira muito desigual aos diferentes autores segundo sua posição no campo, e que se institui através de duas mediações principais: de um lado o mercado, cujas sanções ou sujeições se exercem sobre as empresas literárias, seja diretamente, através das cifras da venda, do número de recebimentos etc, seja indiretamente, através dos novos postos oferecidos pelo jornalismo, pela edição, a ilustração e por todas as formas de literatura industrial; do outro lado as ligações duradouras, baseadas em afinidades de estilo de vida e de sistema de valores que, especialmente por intermédio dos salões, unem pelo menos uma parte dos escritores a certas frações da alta sociedade, e contribuem para orientar as generosidades do mecenato no Estado (BOURDIEU, 1996, p. 66)

Acontece, no entanto, que há um movimento que vai de encontro ao que foi acima exposto, onde os atores passam a ter as ferramentas para sua autonomia artística. Tal fato acontece através da escrita de suas próprias narrativas, possibilitando um maior engajamento

⁹ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

na escala de produção, não só cinematográfica. No capítulo “o poder da escrita” inserido no livro “Regras da arte”, Bourdieu diz o seguinte:

A escrita abole as determinações, as sujeições e os limites que são constitutivos da existência social: existir socialmente é ocupar uma posição determinada na estrutura social e trazer-lhe as marcas, sob a forma, especialmente, de automatismos verbais ou de mecanismos mentais, é também depender, ter e ser tido, em suma, pertencer a grupos e estar encerrado em redes de relações que têm a objetividade, a opacidade e a permanência da coisa e que se lembram sob a forma de obrigações, de dívidas, de deveres, em suma, de controles e de sujeições. (BOURDIEU, 1996, p. 43).

No cenário contemporâneo, quando atores e atrizes adquirem o domínio da escrita para criação de seus próprios roteiros, e aliam-se às novas tecnologias, que permitem o fazer cinematográfico de um jeito mais barato e independente, surge o ator-autor/ atriz-autora. Nessa conjuntura, atores e atrizes podem assumir o papel de diretores, produtores, e/ou roteiristas das obras que queiram protagonizar. É aqui que enxergo a possibilidade de atores e atrizes nordestinos levarem adiante suas narrativas, incluindo nelas, sua cultura, seu sotaque e a afirmação de sua identidade; fugindo assim do estereótipo sofrido e claro, do medonho dito “sotaque neutro”

Internacionalmente, há muitos casos que ilustram o cenário. Pode-se citar as artistas Greta Gerwig, Phoebe Waller Bridge e Michaela Coel. Todas elas mulheres, atrizes, roteiristas, produtoras e diretoras de suas obras.

Segundo o IMDB¹⁰, site que reúne uma base de informações sobre tv e cinema, Greta Gerwig nasceu em 4 de agosto de 1983, na cidade de Sacramento, nos Estados Unidos, e tornou-se conhecida após a estreia do filme *Frances Ha* (2012), no qual foi e também protagonista. Alguns anos depois, a atriz, lançou filmes que ela mesma escreveu e dirigiu: *Lady Bird* (2017) e *Pequenas Mulheres* (2019). Suas obras foram indicadas a três categorias no Oscar, que é o maior festival de cinema do mundo, sendo elas: melhor direção (*Lady Bird*), melhor roteiro original (*Lady Bird*) e melhor roteiro adaptado (*Pequenas mulheres*).

Phoebe Waller Bridge nasceu em 14 de julho de 1985 em Londres, Inglaterra. A atriz escreveu e estrelou a série de comédia “*Crashing*” (2016), mas seu maior sucesso foi com a série *Fleabag* (2016-2019), a qual escreveu, produziu, dirigiu e protagonizou. A produção foi indicada e ganhou importantes festivais de cinema. No Emmy, Phoebe levou as estatuetas de melhor série de comédia, melhor atriz, melhor direção de comédia e melhor roteiro de comédia. Segundo o jornal *The Guardian*, *Fleabag* foi considerada uma das melhores séries televisivas do século 21.

¹⁰ Disponível em https://www.imdb.com/name/nm1950086/?ref_=fn_al_nm_1. Acesso 10 jan 2023.

Michaela Coel, por sua vez, nasceu em 1 de outubro de 1987, em Londres, na Inglaterra. Como autora e atriz, ganhou projeção de alcance mundial com a série “I may destroy you” (2020). Em 2021 a série ganhou os prêmios de melhor atriz e melhor minissérie no BAFTA (British Academy Film Awards), um dos festivais de cinema mais importantes no mundo.

Essas atrizes-autoras foram aqui trazidas para ilustrarem o quanto a escrita pode ser usada de forma eficaz para colocar boas histórias no mundo e para trazer reconhecimento e alcance a seus trabalhos. É nesse sentido que proponho que a escrita seja uma ferramenta potente e que possa ser manejada de forma a impulsionar assuntos de representatividade e diversidade. Nos cursos de atuação não-formais, explorar esta vertente, através do exercício da dramaturgia, permite que atores e atrizes nordestinos, aliados com as novas mídias, tenham meios de trazer seu protagonismo para a cena. Um exemplo primoroso é dado pelo Grupo Magiluth.



Figura 8: Grupo Magiluth

Fundado em 2004 na Universidade Federal de Pernambuco, o Grupo Magiluth é um coletivo teatral de Recife e que prima em seu trabalho pela formação, pela pesquisa e experimentação autorais e autorais. Em 2020, ano de confinamento devido a pandemia de Covid-19, o grupo desenvolveu um projeto chamado "Tudo Que Coube Numa VHS"¹¹. Através de plataformas como Whatsapp, Instagram e até email, o espetáculo sobre uma história de amor toma desenvolvimento. O experimento acontece através de meios de comunicação e plataformas da internet comuns e acessíveis. Buscou-se uma forma de criar uma história que usasse tais tecnologias a seu favor. Nele, durante trinta minutos, o espectador, em casa, acompanha a história de duas pessoas que se apaixonam a partir de

¹¹ Teaser disponível em https://youtu.be/NyV9Hj_niRo. Acesso 13 outubro 2022.

alguns fragmentos de memória dessa relação. O resultado é uma mistura de tecnologia, criatividade e emoção, sem qualquer limitação quanto ao uso de sotaque, nesse caso pernambucano. O espetáculo digital foi indicado ao Prêmio APCA na categoria Teatro Digital e vencedor do Prêmio APTR de teatro 2021 na categoria Melhor Espetáculo Inédito ao vivo.

Esse exemplo permite mostrar como atrizes e atores nordestinos podem valer-se das novas plataformas e tecnologias de modo a contar suas histórias, fazer uso de seus sotaques, quebrando, assim, qualquer padronização colocada pelos produtores midiáticos mais tradicionais, além de incentivar e estimular a produção artística local. No ensino não-formal, como o que se dá no Grupo Magiluth em suas formações, esse assunto pode ser muito explorado, com oficinas de narrativas autobiográficas, por exemplo.

NÃO TE AMO MAIS



Figura 9: Pôster do filme “Não te amo mais”

Como exemplo prático do que proponho em relação a atores-autores, trago nessa pesquisa um relato pessoal sobre o curta-metragem que realizei em 2020, intitulado “Não te amo mais”¹².

“Não te amo mais” é um documentário de dez minutos que traz depoimentos de nordestinos que moram em São Paulo e faz um paralelo entre as pessoas que moram na

¹² Disponível em https://youtu.be/CKtW_jXth-Q

cidade há muito tempo e as que recém-chegaram. Assim como em qualquer relação, o filme procura mostrar como a rotina desgasta e faz perder um tanto do brilho e do encanto que se tem inicialmente. Todos os entrevistados são nordestinos. Cada um com seu sotaque, cada um com sua história, cada um com seu jeito de ser e de se expressar. Era isso que queria no filme. Dar voz.

Não sabia ao certo o caminho para a realização de um filme. Tinha uma ideia, uma câmera, um computador velho para editar e vontade. A vontade era o combustível mais potente que tinha e foi com ele que comecei as primeiras captações, que pouco a pouco foram se costurando no programa de edição. O filme ficou pronto e comecei a inscrevê-lo em festivais de cinema independente. Não sabia como ele chegaria nas pessoas e mesmo se seria selecionado para algum festival. Tive boas surpresas.

“Não te amo mais” foi selecionado para mais de dez festivais, dentro e fora do país. O filme estreou no Mix Brasil, que é o maior festival de cultura da diversidade da América Latina. Em 2020 ainda, “Não te amo mais” participou e ganhou o prêmio de melhor curta-metragem do Festival de Cinema Ibero-Americano Cine Ceará, em sua 30ª edição.

Foram muitas as surpresas boas e conexões que o filme gerou. E tudo isso veio da vontade de produzir e de ter minhas raízes em cena. Em nenhum momento precisei me preocupar em me encaixar ao padrão do sotaque “neutro”. Ainda bem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que a mídia tradicional, que ainda é dominante, continua a perpetuar o estigma da estereotipia do sotaque nordestino e também a colocar os sotaques do Rio de Janeiro e de São Paulo como sotaques padrões. Tal fato conduz atores e atrizes que não fazem parte do eixo, a se enquadrarem a um jeito de falar que não lhes pertence, uma vez que seus sotaques tornam-se limitantes em suas carreiras. Nas séries e novelas televisivas, a porcentagem de atores e atrizes nordestinos é pequena e é destinada a papéis coadjuvantes. Mesmo em produções situadas no Nordeste, o que se vê, predominantemente, é o protagonismo de atores e atrizes do sudeste que falam um sotaque marcado de estereótipos, constituindo um sotaque “nordestino” que não existe.

Na mídia tradicional, ainda é presente a irrealidade de um jeito de falar que é dito neutro e que leva atores e atrizes, não só nordestinos, a esconderem seus sotaques, e a apagar em consequência, sua identidade e sua cultura. Esses artistas não deveriam perder oportunidades de trabalho pela forma como se expressam, mas ainda é o que acontece. É preciso desmascarar a falsa ideia de que existe uma forma de falar que é homogênea para todos.

O cinema independente, a internet e suas novas mídias, as redes sociais, criam um movimento que cresce rápido e que vai de encontro a já tão explorada estigmatização dos sotaques, uma vez que abre canal para a escuta de pessoas reais que não veem seus sotaques como fatores limitantes para se expressarem. A internet abre portas para novas escutas, mas os streamings e a televisão, em suas séries, filmes e telenovelas, caminham em passos lentos nessa direção.

O ensino de Teatro não-formal pode e deve estimular a formação para além somente da atuação. A escrita é um artifício de revolução para a apropriação de histórias e que pode ser utilizada por atrizes e atores nordestinos para a afirmação em cena de sua cultura, de sua fala e de suas próprias narrativas. Aliada às novas tecnologias, essa ligação é um meio de quebrar paradigmas, preconceitos e estereótipos que já são tão cansados.

Toda forma de neutralização é também uma forma de opressão. Não existe sotaque neutro, assim como também não existe sotaque nordestino. Aliás, os sotaques que compõem a região Nordeste são múltiplos, com influências, cadências e chiados distintos. É preciso, portanto, tirar o nordeste do estereótipo que unifica a região num mito só, e é preciso que

atrizes e atores nordestinos se manifestem e não se prendam a padrões que os apaguem ou os limitem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcus. **Preconceito linguístico**: 41ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BITTENCOURT, José Neves. **Illuminando a colônia para a corte: o Museu Real e a Missão Francesa como marcos exemplares da política de administração portuguesa no Brasil**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL D. JOÃO VI: um rei aclamado na América, 1999, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, p. 114-122, 2000.

CAVARERO, Adriana. **Vozes Plurais: Filosofia da expressão vocal**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DIAS, Elder. O som ao redor é a vida acontecendo, **Revista Bula**. Disponível em: <><https://www.revistabula.com/84-o-som-ao-redor-e-o-brasil-acontecendo/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FORTUNA, Marlene. **A performance da oralidade teatral**. São Paulo, Annablume: 2000.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

Morgado, Fernando. **O futuro do rádio**. Observatório da imprensa, 2011. Disponível em: < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/o-futuro-do-radio/>> . Acesso em: 15 set. 2021.

NÃO TE AMO MAIS. Direção: Yasmin Gomes. Produção: Sertanina filmes. Brasil, 2020 (10 min). Disponível em https://youtu.be/CKtW_iXth-Q. Acesso em: 30 jan 2023.

SILVA, Wellington.. Sotaques revelam as múltiplas facetas da língua. **Folha de Pernambuco**. On-line. Março, 2021. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/sotaques-revelam-as-multiplas-facetadas-da-lingua/175210/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

SODRÉ, Celina. **Jerzy Grotowski: artesão dos comportamentos humanos metacotidianos**. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.